



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RITA DE CÁSSIA ALVES DA SILVA  
JOSEFA SABINO GOMES DE OLIVEIRA

**ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVRO DIDÁTICO DE**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**Maceió**  
**2019**

RITA DE CÁSSIA ALVES DA SILVA  
JOSEFA SABINO GOMES DE OLIVEIRA

**ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVRO DIDÁTICO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Yana Liss Soares Gomes.

Maceió  
2019

RITA DE CÁSSIA ALVES DA SILVA  
JOSEFA SABINO GOMES DE OLIVEIRA

ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVRO DIDÁTICO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 09/05/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes

Comissão Examinadora

*Yana Liss Soares Gomes*

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes (CEDU/UFAL).

*Silvana Paulina de Souza*

Profa. Dra. Silvana Paulina de Souza (CEDU/UFAL)

*Adriana Cavalcanti dos Santos*

Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos (CEDU/UFAL)

## ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Rita de Cássia Alves da Silva**  
Email: ritabarbosa4@gmail.com

**Josefa Sabino Gomes de Oliveira**  
Email: josefasabino30@gmail.com

**Yana Liss Soares Gomes**  
Email: yana.gomes@cedu.ufal.br

### RESUMO:

Nesse artigo, discutimos a questão da variação linguística relacionada ao ensino de Língua Portuguesa, especialmente relacionada às práticas de ensino de leitura e escrita. Para tal intento, realizamos uma análise de um livro didático (LD). A base teórica desta pesquisa está fundamentada nos estudos de: Antunes (2003), Bagno (2007), Bochenek (2013), Cecílio e Matos (2006), Faraco (2008), Costa e Gomes (2015), Gomes (2011), Marinho e Costa Val (2005), Ota (2009), dentre outros. Os resultados encontrados na pesquisa revelam que a proposta de ensino para o componente curricular Língua Portuguesa considera e reconhece a heterogeneidade linguística como um fator inerente às línguas, por isso, apresenta uma organização curricular para o ensino de Língua Portuguesa com foco nos aspectos relacionados à variação linguística em diversas atividades de leitura, de produção e reflexão sobre os usos linguístico, desse modo, identificamos que a concepção de língua/linguagem como meio de interação social fundamenta a proposta didática do livro didático de Língua Portuguesa. A partir da análise da LD, consideramos ser importante que os cursos de Pedagogia incluam em seus programas tópicos acerca da temática variação linguística de modo a orientar os professores alfabetizadores sobre a importância de se trabalhar com os diversos usos linguísticos desde os anos iniciais do Ensino Fundamental por meio das práticas de leitura, de oralidade, de análise linguística e de escrita/produção textual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Linguística. Livro Didático. Língua Portuguesa.

### 1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais, os livros didáticos (LD) de Língua Portuguesa têm sido utilizados como recursos pedagógicos no contexto educacional brasileiro. De fato, em muitas escolas brasileiras, eles são os principais recursos que os professores dispõem ou utilizam (GOMES, 2011). Contudo, não são todos os docentes que sabem ou tem a possibilidade de analisar e escolher os livros com os quais trabalharão em sua aulas.

Estudos de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005, 2008), Faraco (2008), Costa (2014), Gomes (2011) confirmam que a variação linguística, enquanto fenômeno, ainda é ignorada ou

abordada de forma superficial por muitos professores de língua materna em sala de aula. Daí nosso interesse em analisar a abordagem da variação em livros didáticos de Língua Portuguesa (LP).

O objetivo da pesquisa é investigar a abordagem da variação linguística em um livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino fundamental. Para tanto, descrevemos os aspectos relacionados à proposta de ensino da Língua Portuguesa e identificamos as perspectivas teóricas e concepções de língua/linguagem que fundamentam as atividades propostas pelo material didático.

O interesse por investigar a temática da variação linguística se justifica pela constatação de que esse tema é pouco explorado no meio acadêmico e por consequência, nos cursos de Pedagogia. Assim, buscamos compreender as implicações da abordagem da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa.

Nosso entendimento é que o LD pode favorecer o trabalho do professor de Língua Portuguesa, desde que seja considerado as variações linguísticas, como fenômenos e práticas sociais de usos linguísticos. Ao analisar um livro didático o professor tem a oportunidade de refletir sobre os diversos usos linguísticos e assim contribuir para o desenvolvimento da competência textual e discursiva dos alunos.

## **2 LIVRO DIDÁTICO, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Nesta seção, serão apresentadas algumas considerações acerca dos livros didáticos e da abordagem da variação linguística. Para esta discussão, destacamos as mudanças paradigmáticas e alguns pressupostos teóricos que fundamentam o ensino de Língua Portuguesa (LP).

A produção dos livros didáticos de LP no Brasil acompanhou as mudanças conjunturais ocorridas no sistema educacional no que se refere aos paradigmas conceituais, teóricos e aos próprios objetivos das diretrizes curriculares presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Conforme Ota (2009) com expansão da educação no Brasil, o livro didático assumiu um importante papel em sala de aula de Língua Portuguesa. Em sua origem na década de 1960, o ensino de Língua Portuguesa estava relacionada à Literatura, assim, a linguagem dos textos literários tornou-se a referência para a expressão do “belo” do “correto”, isto é, referencial para a escrita de uma língua padronizada.

De acordo com Bochenek (2013), o ensino da Língua Portuguesa, por muito tempo baseou-se unicamente na gramática normativa, assim, desvalorizava e descartava as várias formas de linguagem do aluno, ou seja, a heterogeneidade linguística alegando ser feio e errado. Nessa perspectiva o foco era o ensino da gramática normativa de forma descontextualizada, sem considerar a situação comunicativa e os falantes (ANTUNES, 2003).

Para Marcuschi (2005), tradicionalmente, os livros didáticos de Língua Portuguesa, adotaram uma concepção de língua como um simples instrumento de comunicação. Daí apresentavam uma proposta de ensino fundamentada na ideia de ensinar a escrever. Essa prática predominou até metade da década de 1980, quando ocorreu uma mudança de paradigmas, por influência dos estudos de Bakhtin.

Marcuschi (2005) argumenta que com raras exceções os livros didáticos focavam o ensino das *regras* gramaticais, nos exercícios de compreensão e na produção de *textos escritos*. A maioria dos autores dos livros didáticos não sabiam *onde* e *como* situar o estudo da fala. Para o autor, esse problema estava presente na maioria dos manuais didáticos, cuja preocupação especial era o ensino da gramática, de reprodução de informações e estereótipos textuais.

Cecílio e Matos (2006) completa que esses materiais didáticos apresentavam uma proposta didática, na maioria das vezes descontextualizada, voltada somente para a aprendizagem das normas, classificações e estruturas que não proporcionavam um desenvolvimento reflexivo dos alunos e discursivo no que diz respeito à linguagem.

Foi a partir da metade da década de 1990 que a abordagem da variação linguística nos PCNs (1997) proporcionou uma nova orientação didática para o ensino de língua portuguesa, sobretudo nos livros didáticos de Língua Portuguesa (LP). Ao reconhecer que o desenvolvimento da competência comunicativa deveria ser o objetivo principal no ensino de língua materna as diretrizes curriculares fundamentavam-se numa concepção de língua/linguagem relacionada à interação social. Assim, o texto passa a ser visto como “unidade básica de ensino”.

As mudanças proporcionadas pelas orientações curriculares nacionais brasileiras nas últimas décadas têm reafirmado a importância da abordagem da variação linguística associada ao ensino de Língua Portuguesa, desde o ensino fundamental.. Por influência dos estudos sociolinguísticos o foco do ensino de LP passou a ser o texto em sua função dos seus diversos usos sociais (OTA, 2009).

Nesse contexto, observamos que os livros didáticos passaram a apresentar propostas didáticas para LP com foco na função social da linguagem, fundamentando-se em uma

concepção interacionista. O livro didático de LP começou a abordar e trazer “[...] os textos orais e escritos que se produzem, e através dos quais há interação social” (OTA, 2009, p. 218). Para o autor:

A partir dos estudos sociolinguísticos, o eixo do ensino-aprendizagem de língua portuguesa passa a ser o texto em sua função social, a partir das características próprias de cada gênero, articulado a interesses e necessidades de uma dada sociedade. Em função disso, o livro didático de língua portuguesa passa a centrar aí o seu foco, pelo menos teoricamente (OTA, 2009, p.218).

Bochenek (2013) explica que a Sociolinguística deu um grande “salto” no que diz respeito aos estudos da língua materna, nos indicando alguns caminhos que deverão ser trilhados com relação à análise da variação linguística.

Mas o que vem a ser a variação linguística? Aqui entendemos a variação linguística como um princípio geral e universal de todas as línguas, passível de ser descrita e analisada cientificamente (MOLLICA, 2003). Consideramos que além de um fenômeno linguístico, a variação é uma prática de linguagem que se materializa na interação social, ou seja, nas ações de fala ou de escrita (GOMES, 2015).

Marinho e Costa Val (2006) explicam que existem dois tipos de variação linguística: a dialetal e a de registros. A variação dialetal refere-se aos usuários da língua e ao seu grupo social enquanto que a variação de registro é chamada de diafásica ou estilística e ocorre conforme o contexto comunicativo que pode ser formal ou não.

De acordo com Bagno (2007) existem alguns fatores extralinguísticos que influenciam os diversos usos linguísticos, ou seja, que contribuem para a variação linguística, tais como: origem geográfica, status socioeconômico; grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais. Estes e outros fatores precisam ser considerados pelo livro didático de Língua Portuguesa ao abordar a questão da variação linguística.

Variação diatópica (ou geográfica) é aquela que ocorre de acordo com os lugares diferentes, com a cultura local (BAGNO, 2007). Variação diastrática ou de classes sociais é aquela que ocorre de acordo com a classe social da pessoa que a fala e com os grupos sociais a que pertence. As variedades sociais são caracterizadas por normas de conduta, cultura e linguagens próprias de cada comunidade. Existe também a variação diacrônica ou histórica que surge do processo natural de mudança e evolução das línguas ao longo do tempo (MARINHO; COSTA VAL, 2006)

Aspectos relacionados à variação linguística têm se constituído questões bastante discutidas, tanto na academia quanto no âmbito pedagógico. Assim, significativos avanços já

foram feitos nas últimas décadas, posto que as inovações promovidas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Básica visa garantir ao aluno o cumprimento das demandas previstas pelas diretrizes e orientações oficiais (BAGNO, 2007).

Bagno (2007) reconhece que educadores e linguístas têm contribuído para o planejamento da política linguista através do livro didático, mas, o modo como referem-se à variação linguística geralmente ainda é um problema. Em muitos livros, percebe-se que alguns autores até tentam combater o preconceito linguístico, só que não há uma boa base teórica para se combater de fato esse preconceito. Alguns problemas são encontrados de forma recorrente nos livros didáticos, como por exemplo, quando se referem apenas sobre as variações usadas na região rural e de pessoas que não são escolarizadas, isso explica essa tendência dos autores dos livros didáticos quando abordam o tema variações linguísticas usam como exemplo tirinhas de personagens como Chico Bento do autor Maurício de Sousa.

Para Bagno (2007) é preciso levar em consideração também a prática usada nos livros didáticos de mandar os alunos transformarem os diálogos utilizados como exemplo de variação linguística para a norma culta. Isso é um erro, pois, no caso dos diálogos do Chico Bento, o personagem representa justamente a diversidade, a visão do mundo rural, portanto, devemos valorizar as diferenças socioculturais. Orientar os alunos a reescreverem um diálogo como o do personagem em questão, passando para a norma culta, configura-se também em um preconceito, por estar discriminando o personagem que fala “tudo errado” e deve ser corrigido, pois o que vale são as normas gramaticais.

É preciso esclarecer que a variação de registro ocorre quando um mesmo falante faz uso da língua nas diversas situações em que produz uma atividade verbal de acordo com as circunstâncias em que a interação verbal se realiza. Os falantes variam seus modos de fala de acordo com o grau de reflexão, de consciência ou de conhecimento sobre língua (MARINHO; COSTA VAL, 2006).

De acordo com Araújo e Pereira (2017) nessas três últimas décadas, aumentou bastante o interesse no que tange o trabalho com variações linguísticas nas salas de aula, devido a dois fatores. Primeiro, o reconhecimento das línguas naturais como heterogêneas e a segundo diz respeito ao público que passou a frequentar nossas escolas oriundos das zonas rurais para as zonas urbanas.

Conforme Gomes e Costa (2015) algumas mudanças positivas já são perceptíveis nos livros didáticos no que diz respeito às variações linguísticas, talvez por isso a temática da variação linguística tenha se tornado um tema bastante investigado na área educacional. Por

outro lado, um dos maiores desafios dos professores que ensinam a Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental é o de relacionar a teoria e aplicá-la. Nesse sentido, destacamos que a tomada de consciência dos professores de LP sobre suas práticas pedagógicas, é essencial para a construção de uma consciência linguística em relação à diversidade linguística (GOMES, 2015).

Segundo Marinho e Costa Val (2001) é preciso que o professor conheça as diferenças entre a variedade padrão e os dialetos dos alunos, de modo a realizar um trabalho de ensino e reflexão sobre os usos da língua e sobre os recursos comunicativos ou formas de expressão adequados às variadas situações de interlocução que podem ser vivenciadas pelos falantes.

Gomes e Costa (2015) destacam a importância da prática pedagógica reflexiva dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa com relação à língua e seus diferentes usos, especialmente as variedades linguísticas mais comumente utilizadas por eles na escola, na comunidade em que vivem em situações mais ou menos formais.

Para Antunes, (2003) o professor de português deverá considerar a interação social e por em prática sua autonomia crítica e reflexiva, a partir de um novo posicionamento com relação ao ensino da Língua Portuguesa que valorize a diversidade linguística. Esse é um conteúdo curricular importantíssimo e não pode ser negligenciado nas salas de aula, pois tem grande relevância na formação linguística do aluno.

De acordo com Travaglia (2015, p.159) os conhecimentos linguísticos do professor e do aluno podem:

[...] contribuir para que o processo de alfabetização, mas sobretudo o de letramento, sejam processos de maior qualidade, levando a um melhor domínio da modalidade escrita da língua como consequência do domínio mais amplo dos processos funcionais e significativos de diferentes recursos, regras e princípios da língua.

Nesse sentido, o professor alfabetizador deve estar atento aos estudos linguísticos e as suas mudanças para que possa ampliar seus conhecimentos e usá-lo da forma mais adequada e assim desenvolver a competência comunicativa de seus alunos e a capacidade de interagir com indivíduos de diferentes contextos sociais e assim conseguir compreender o outro e também ser compreendido. Sendo assim, é importante que as variações linguísticas sejam trabalhadas de forma mais aprofundada pelo professor e não de forma superficial como é apresentada nos LD.

### 3 METODOLOGIA

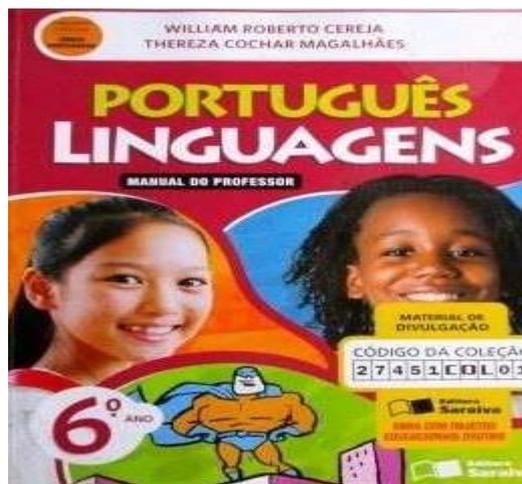
Trata-se de um estudo de natureza qualitativa direcionado à investigação da abordagem da variação linguística em proposta didática. Os princípios teórico-metodológicos do tipo descritiva (GIL, 2008) norteiam esta análise documental realizada em livro didático de Língua Portuguesa.

Segundo Ludke e André (1986) a técnica de análise de documentos é muito rica, por ser uma fonte estável de informações que permanecem registradas ao longo de muito tempo. Assim, esses documentos poderão ser consultados várias vezes, oferecendo maior estabilidade aos resultados obtidos no decorrer da pesquisa.

Inicialmente, realizou-se a seleção do corpus, ou seja, do material didático de Língua Portuguesa. O livro didático foi escolhido em função dos seguintes critérios, material que apresentasse proposta de letramento escolar em leitura, oralidade e escrita; material aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e que fosse adotado por uma escola pública de Maceió-AL. Em seguida, procedemos a análise descritiva dos aspectos linguísticos selecionados.

O livro selecionado foi *Português - Linguagens*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães publicado em 2014, pela editora Saraiva.

**Figura 1: Capa do livro**



Fonte: Cereja e Magalhães (2014).

A análise do estudo foi elaborada em função das seguintes categorias: letramento escolar, livro didático, ensino de leitura, oralidade e escrita. Na etapa da discussão dos dados, utilizou-se o recurso analítico da *triangulação* (ERICKSON, 1988), de modo a verificar se as

propostas de ensino do material analisado estavam em consonância com as diretrizes curriculares para o ensino de Língua Portuguesa.

#### 4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro didático (LD), *Português – Linguagens*, é uma obra composta por 4 unidades, a saber: *I - No mundo da fantasia*, *II – Crianças*, *III- Descobrimo quem sou eu*, *IV- Verde, adoro ver-te*. Todas as unidade contemplam 3 capítulos cujos títulos estão relacionados à temática abordada em cada uma delas. Conforme o Manual do professor “Os temas que organizam cada uma das unidades são variados e levam em conta tanto as recomendações dos *Parâmetros curriculares nacionais* quando os *temas transversais*, a faixa etária e o grau de interesses dos alunos” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p.5).

A proposta didática do livro analisado encontra-se organizada em 4 unidades intituladas: No mundo da Fantasia (1ª), Crianças (2ª), Descobrimo quem sou eu (3ª) e Verde, adoro ver-te (4ª). Cada uma dessas unidades é organizada em três capítulos que apresenta a seguinte sequência didática: *Estudo do Texto; Produção de Texto; A língua em Foco; De Olho na Escrita; e Intervalo*.

A seção *Língua em Foco* é destinada especificamente para abordar as questões linguísticas, tais como a questão da diversidade linguística, conforme descrito no quadro 1:

**Quadro 1: Organização Curricular da Seção *A língua em Foco***

UNIDADES	CAPÍTULOS
I	<b>Capítulo 1</b>
	<i>Língua em ação e interação</i> (linguagem verbal e não verbal; os interlocutores; a linguagem e os códigos; o código linguístico na construção do texto; semântica e discurso).
	<b>Capítulo 2</b>
	<i>Variedades linguísticas</i> (norma padrão e variedades de prestígios; variação linguística e preconceito social; falar bem é falar adequadamente; tipos de variação linguística; variedades linguística na construção do texto, semântica e discurso).
I	<b>Capítulo 3</b>
	<i>Texto, discurso, gêneros do discurso</i> (a intencionalidade discursiva; os textos e os gêneros do discurso; semântica e discurso).

Fonte: as autoras (2019).

A abordagem especificamente da temática da variação/diversidade linguística no livro didático encontra-se no capítulo 2 (UNIDADE I), mais precisamente na seção *A Língua em*

*Foco*, a saber: 1) variedades linguísticas 2) norma padrão 3) preconceito linguístico, 4) adequação linguística e 5) tipos de variação.

**Figura 2: Ilustração de parte do sumário do livro didático**

CAPÍTULO 2 — <i>Terra de encantamento</i>	
Pintura, Walter Beach Jumphrey	33
Produção de texto	35
O conto maravilhoso	35
A língua em foco	36
As variedades linguísticas	36
Norma-padrão e variedades de prestígio	38
Variação linguística e preconceito social	38
Falar bem é falar adequadamente	39
Tipos de variação linguística	40
As variedades linguísticas na construção do texto	45
Semântica e discurso	46
De olho na escrita	49
Fonema e letra	49
Divirta-se	51

Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.4).

Conforme a figura, observamos que o LD apresenta diferentes conceitos relacionados à variação linguística, tais como: variedades linguísticas, norma padrão, variedades de prestígios, preconceito linguístico. Esses aspectos linguísticos relativos à diversidade linguística são apresentados em um capítulo específico.

Sobre a organização e a proposição do capítulo 2, verificamos que o primeiro elemento linguístico abordado foi a questão da diversidade linguística. Na figura abaixo, retirada da seção *A língua em Foco* os autores do livro introduzem a discussão sobre variedades linguística a partir da tirinha de Fernando Gonsales (ver figura 3).

**Figura 3: Introdução da temática da variação linguística**

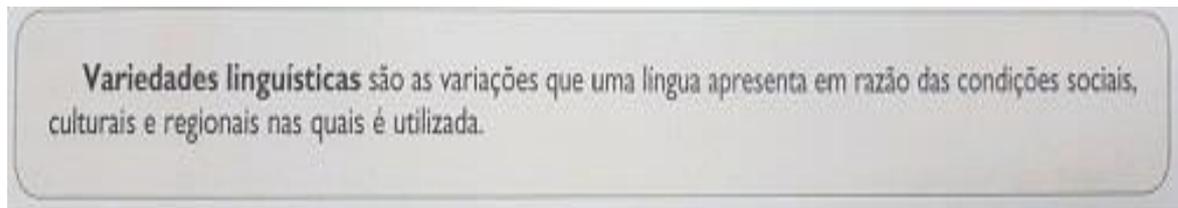


Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.36).

Inicialmente, é apresentado ao leitor uma tirinha para abordar de forma humorística os diferentes usos da língua portuguesa. Na tira, o humor é construído por meio das diferenças de uso da Língua Portuguesa. Por exemplo, a fala do papagaio causa estranheza na mulher, isso acontece porque o papagaio veio de outro contexto social, ou seja, o antigo dono do papagaio falava assim ele também aprendeu a falar da mesma forma. Foram apresentadas expressões do papagaio: “bicicreta”, “cocrete”, “cardeneta”, com o objetivo de evidenciar os diferentes modos de uso da língua, e que alguns deles são alvos de preconceitos e vistas como “errado”.

Para abordar o conceito de variação linguística, o LD utiliza a definição de conceito de variedades linguísticas, conforme se vê na figura a seguir:

**Figura 4: Conceito de variedade linguística**



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.37).

A partir da análise da figura 4, identificamos que o LD apresenta o termo variedades linguísticas equivalente à variação linguística. Vejamos uma certa “superficialidade” no tratamento dado pelos autores, a começar pela diferença no uso dos termos *variações* x *variedades*, uma vez que variação linguística refere-se a um fenômeno mais amplo e não se limita a uma variedade linguística específica, como se referem os autores do livro. Para Tarallo (1986, p.08), as variantes linguísticas representam as “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Na sequência, o livro trata da norma-padrão e das variedades de prestígio. Primeiramente, os autores introduzem o entendimento que a língua sofre constante mutação, assim, novas palavras surgem a todo momento e que “*para evitar que cada um use a língua à sua maneira*” existe a norma padrão, que conforme apresentado no livro é uma espécie de “lei” que normatiza o uso social da língua.

A norma culta padrão da língua portuguesa é apresentada aos leitores como um modelo que orienta a fala e a escrita, vejamos a figura 5:

**Figura 5: Norma padrão versus norma culta**

**Norma-padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

**Variedades urbanas de prestígio**, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda mais alta.

Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.38).

Os autores esclarecem que norma-padrão é aquela que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática. Sendo assim, a norma-padrão trata-se de um modelo, de uma referência que orienta os usuários da língua sempre que precisam usar o português de modo mais formal, como por exemplo, em uma entrevista de emprego, apresentações de trabalho escolar, participação em debates, etc. Para Bagno (2007, p.130), norma-padrão “É o conjunto de regras padronizadas, descritas e prescritas pelas gramáticas normativas, inspiradas em estágios passados da língua e principalmente nas opções de um grupo restrito de escritores consagrados”.

Com relação às variedades de prestígio, também conhecidas como norma culta, o LD esclarece que elas são as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda mais alta. Vejamos a argumentação dos autores do livro: “As variedades do português que mais se aproxima da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 38).

Segundo o LD, as variedades da língua portuguesa que são mais prestigiadas socialmente são as que mais se aproxima da norma-padrão. As variedades linguísticas urbanas faladas nas grandes cidades e nas capitais por pessoas bem escolarizadas e de um padrão social bem elevado é um exemplo disso.

A norma culta ou de prestígio como explica Bagno (2007, p.130) são “As variedades linguísticas reais empiricamente observáveis, autênticas, que caracterizam a fala e a escrita dos cidadãos urbanos, letrados e socioeconomicamente privilegiados”. Sendo assim, fica em evidência que o português falado pelas classes sociais mais favorecidas é a variedade mais valorizada socialmente em nosso país.

No que se refere ao preconceito linguístico, os autores do LD afirmam que “*não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta que a outra*”. Algumas variações da língua são tratadas com certo estigma, ou seja, são desprestigiadas socialmente. O que concordamos

com tal afirmação, pois, o preconceito linguístico é fruto do desconhecimento dos falantes sobre as várias formas de se falar.

Com relação aos diversos usos da língua, os autores do livro escolheram outra tirinha para tratar da questão do “falar bem” e do “falar adequadamente”. vejamos a figura 6:

**Figura 6: Adequação Linguística**



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.39).

Os autores do livro apresentam uma tirinha de Adão Iturrusgarai para esclarecer ao leitor que em uma situação formal devemos usar a variedade linguística formal, o mais próximo possível da norma-padrão, por outro lado, em situações informais devemos usar uma variedade linguística informal, adequada para cada situação, como explica Bagno (2007, p.44-45) “[...] variamos o nosso modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente conforme a situação de interação em que nos encontramos. Essa situação pode ser de maior ou menor formalidade”. Quanto mais a língua se aproxima da norma-padrão, maior o grau de formalidade. Assim, a discussão da mudança nos modos de fala apresentado no LD está em conformidade com as diretrizes curriculares para o ensino de Língua Portuguesa.

Na sequência, os autores do LD explicam que as variações linguísticas se manifestam devido as mudanças que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada. Assim, eles apresentam os tipos de variação linguística e os motivos pelos quais elas ocorrem. O primeiro deles citado refere-se às questões regionais que ocorrerem por causa das diferenças de lugares ou regiões. Para ilustrar, foi apresentado uma tira de Chico Bento, no quadro 1º há um exemplo de língua usada pela maioria dos brasileiros e no 2º um exemplo do falar “caipira”.

**Figura 7: Condições Sociais, Culturais e Regionais**

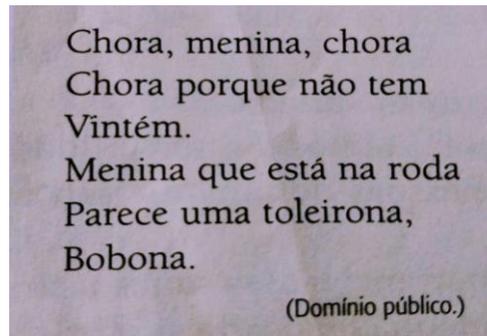


Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.40).

De acordo com Bagno (2007) os LD mais vendidos no Brasil são escritos e produzidos na região Sudeste, sendo assim, as variações linguísticas apresentadas nos livros são as usadas nessa região. Portanto, o que vem representando as variedades rurais e regionais não pode representar todas as regiões do Brasil, ou seja, não é uma variedade comum a todas as regiões brasileiras. Bagno enfatiza que é quase uma unanimidade usar tirinhas do Chico Bento como exemplo de variedade rural nos livros didáticos. As palavras de Bagno com relação às variedades rurais e/ou regionais são confirmadas quando verificarmos na figura 7 as diferenças linguísticas: de pronúncia (som), de vocabulário e construções frasais.

O segundo fator pelo qual ocorre as variações linguísticas é a escolaridade e a classe social. Essa variação da língua ocorre quando é falada por pessoas de baixa escolaridade ou analfabetas. Aqui fazemos uma análise crítica porque os autores não apresentaram nenhum texto para ilustrar, apenas retomou alguns exemplos apresentados na tirinha da figura 3, vejamos: *bicicreta*, *cocrete* e *cardeneta*.

O terceiro fator listado no LD acerca da existência das variações da língua é o fator histórico, pois como afirmam os autores do material didático, com o passar do tempo, a língua vai sofrendo mudanças, de acordo com a época em que vivemos. As palavras mudam o modo de escrita de acordo com o dinamismo que a língua apresenta, transformando-se ao longo do tempo. A ortografia é um bom exemplo, como no caso da palavra *farmácia* que antigamente era escrita com *ph* e ainda, palavras as quais caíram em desuso como: **vintém**, uma antiga moeda de pouco valor e **toleirona**, como eram chamadas as pessoas tolas e bobalhonas, conforme pode ser visto na figura 8:

**Figura 8: Fatores Históricos**

Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.40).

No verso as palavras “*vintém*” e “*toleirona*” mostram um bom exemplo de palavras que estão em desuso, são palavras que eram usadas em uma época diferente da atualidade. As palavras as quais caíram em desuso como: **vintém**, uma antiga moeda de pouco valor e **toleirona**, como eram chamadas as pessoas tolas e bobalhonas, são exemplos de **variedades históricas**, as quais ao longo do tempo vão sofrendo um processo de mudança gradual.

Conforme os autores do livro didático, o Brasil é um país muito grande e diversificado do ponto de vista, histórico, cultural e territorial. Sendo assim, é natural que a língua portuguesa sofra variações, ou seja, variações linguísticas. Mas, não só por causa da localização geográfica, depende de outros fatores como: idade, profissão, grau de escolaridade, etc.

Da análise realizada percebemos que os discursos do LD enfatizam que a variação linguística ocorre na fala de sujeitos de todas as camadas sociais e que muda de acordo com o contexto social e com a região, assim não existe grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado”. Há pessoas que entendem que devemos falar da mesma forma que escrevemos, mas a escrita é totalmente diferente da fala, ou seja, existe uma enorme diferença associada à fala e à escrita.

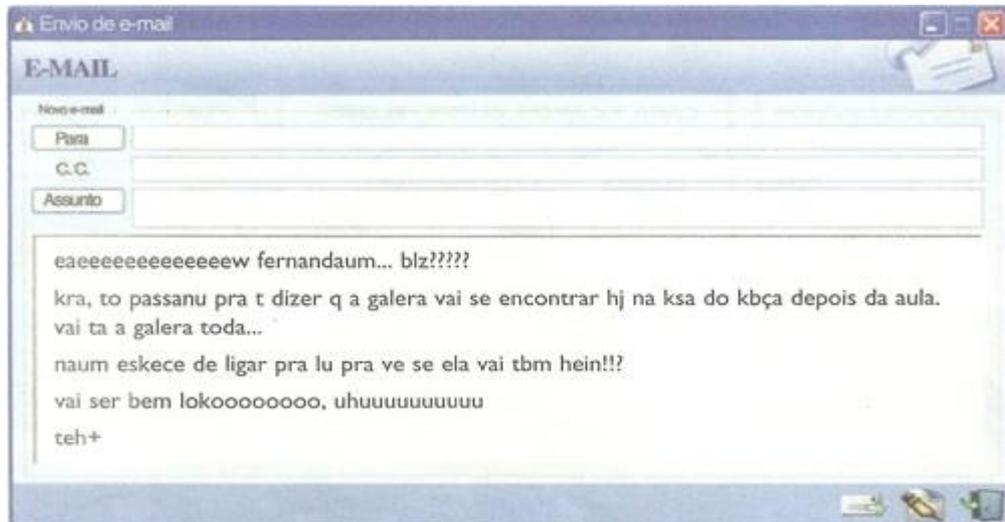
Para ilustrar isso, os autores destacam que costumamos usar a linguagem oral de forma mais espontânea que a linguagem escrita. Na língua oral repetimos palavras, às vezes não completamos a sequência de ideias, temos problemas com concordância e usamos várias expressões como: “*né?*”, “*tá?*”, “*entendeu?*”, etc. Já na língua escrita temos mais cuidado, pois podemos escolher bem as palavras, podemos corrigir até que fique da forma que queremos antes de enviar para alguém.

Quando falamos em público, quando somos entrevistados ou conversamos em contextos mais formais procuramos falar de forma diferente da que falamos habitualmente, geralmente nessas ocasiões, evitamos falar usando gírias, expressões grosseiras ou que

demostre intimidade com o interlocutor como: “fofinha”, “safado”, “pra caramba”, “dia de cão”, “é um saco”. Enfim, procuramos usar a língua o mais próximo possível da norma-padrão com um grau maior de formalidade.

Conforme visto, o posicionamento defendido no LD é que quanto mais uma pessoa lê mais ela emprega a língua escrita na língua oral, principalmente em situações formais. Mas, com o uso da internet as fronteiras entre a língua oral e a língua escrita vem se enfraquecendo cada vez mais, principalmente em textos escritos em redes sociais e cada dia se aproxima mais da linguagem informal. Quando a língua apresenta um grau de monitoramento menor, estamos fazendo o uso da língua informal. Os autores usam como exemplo de língua informal um email.

**Figura 9: Exemplo da abordagem da formalidade e informalidade**



Fonte: Cereja e Magalhães (2014, p.41).

Na figura 9, temos um email que apresenta as seguintes palavras: “kra”, “passanu”, “ksa”, “naum”, “eskece”, “lu”, “tbm”. Nesses exemplos, o livro mostra que houve um menor monitoramento da língua escrita, além de mostrar que há um certo grau de intimidade entre os interlocutores, portanto, é uma linguagem informal. Para os autores, cada grupo social usa as expressões que lhes são próprias. Geralmente, são criadas por um grupo social ou profissional como estudantes, policiais, esqueitistas, fankeiros, surfistas e vão se modificando com o passar do tempo.

No livro didático analisado, os autores se referem à língua oral como mais espontânea, concordam que as pessoas ficam mais à vontade com diálogos repetitivos, sem muita sequência, dentre outras características. Já a linguagem escrita é dada mais atenção e cuidado

ao escolher as palavras a serem usadas em um texto por exemplo. Percebemos que a fala e a escrita sem um incremento de inovação da metodologia de ensino, resulta numa baixa qualidade de aprendizagem, deixando o aluno em uma situação limitada.

De acordo com Bagno (2007) desde a antiguidade é muito comum comparar a língua falada como mais espontânea e a língua escrita mais monitorada, criando a falsa ideia de que a fala e a escrita são absolutamente diferentes, e mais, que a fala é o lugar do erro e a escrita é lógica, organizada e homogênea. Tais distorções, vem sendo sistematicamente negadas tanto pelos estudos da Antropologia, da Psicologia e da Linguística moderna. Mesmo assim, essa separação ainda existe em muitos meios educacionais atualmente.

Com relação a organização do componente curricular, observamos que as propostas de ensino do LD estão mais direcionadas ao tratamento das questões linguísticas estão mais presentes na unidade I da seção – *A Língua em Foco*. Como por exemplo, a discussão das questões relativas às diferentes linguagens (verbal e não verbal), ao código linguístico, à variação linguística, ou seja, aos usos linguísticos, considerando os diversos contextos sócio-comunicativos (textuais, semânticos e discursivos). Por outro lado, nas unidades II, III e IV o foco recai sobre os usos linguísticos formais das classes gramaticais (substantivos, dos adjetivos, dos verbos, dos pronomes, dos numerais) abordados a partir da apresentação de vários textos inseridos em contextos comunicativas diversos.

No que diz respeito à análise da abordagem da variação linguística nas atividades proposta pelo livro didático retomam aspectos relativos à diversidade linguística. No quadro 2, selecionamos alguns trechos dessas atividades:

**Quadro 2: Abordagem da variação linguística nas atividades do livro didático**

Unidades	Exemplos de questões propostas pelo livro didático
I	<b>Capítulo 1</b>
	“Que tipo de linguagem predomina: a norma-padrão ou uma <i>variedade linguística</i> ”? (p.19)
	“Quando utilizamos a linguagem verbal inevitavelmente fazemos uso de uma língua. <i>As línguas variam de acordo com cada povo e cada cultura</i> ” (p.27)
	<b>Capítulo 2</b>
	“As duas personagens do cartum são falantes de língua portuguesa; contudo, há diferenças entre a linguagem de uma e a de outra, pois falam <i>variedades linguísticas diferentes</i> ”. (p. 48). “As <i>variedades linguísticas</i> também podem ser fonte de uma boa diversão. Conheça, por exemplo, um pouco do dicionário <i>mineirês/português</i> , que procura registrar o modo de falar do caipira mineiro”. (p.51).
<b>Capítulo 3</b>	
“Essas conversas acontecem geralmente em situações informais e, por isso, <i>a linguagem nelas empregada é quase sempre a informal, que se caracteriza pelo uso de</i>	

	<p><i>gírias, por interrupções (ahn...), pela presença de palavras que testam a atenção do locutário ( né?, Sabe?, entendeu?), e ainda de expressões como então, aí, daí, que retomam o que é falado ou dão continuidade à fala” (p. 59).</i></p> <p><i>“O conjunto de palavras de uma língua pode ser formado por palavras de muitas outras línguas, a língua portuguesa, por exemplo, origina-se do latim e, ao longo de sua história, incorporou inúmeras palavras e expressões de origem árabe, tupi, africana, inglesa, francesa, etc”. (p.69).</i></p>
II	<b>Capítulo 1</b>
	<p><i>“As personagens das histórias em quadrinhos costumam usar uma linguagem informal, isto é, bem parecida com a que empregamos no dia a dia” (p.83).</i></p> <p><i>“Em situações como essa, o uso desse tipo de variedade linguística é adequado? Por quê?” (p.83)</i></p>
	<b>Capítulo 2</b>
	<p><i>“Lembre-se de que a linguagem empregada nas histórias em quadrinhos é informal, semelhante a que usamos no dia a dia, e que as frases costumam ser curtas” (p.100).</i></p>
III	<b>Capítulo 1</b>
	<p><i>“Observe a linguagem empregada no texto lido. Que tipo de variedade linguística predomina?” (p.138).</i></p> <p><i>“Empregue uma variedade linguística adequada a esse gênero e ao público leitor” (p. 139).</i></p>
	<b>Capítulo 2</b>
	<p><i>“Empregue uma variedade linguística de acordo com o interlocutor, isto é, adequada à idade dele e ao grau de intimidade existente entre vocês” (p. 152).</i></p>
IV	<b>Capítulo 3</b>
	<p><i>“Observe a linguagem do texto. Qual é a variedade linguística empregada?” (p. 173).</i></p>
	<b>Capítulo 1</b>
	<p><i>“Nos textos de opinião, a linguagem empregada geralmente é direta e clara e de acordo com a norma-padrão. Às vezes, dependendo do veículo de comunicação e do perfil do público que o autor pretende atingir, a variedade linguística pode ser informal” (p. 191).</i></p> <p><i>“Que tipo de variedade linguística foi empregada: a norma-padrão ou informal? Justifique sua resposta (p.191).</i></p>
	<b>Capítulo 2</b>
	-
	<b>Capítulo 3</b>
	<p><i>“Que variedade linguística foi empregada?” (p.242)</i></p>

Fonte: As autoras (2019).

Com base no quadro 2, é possível perceber que no decorrer de quase todos os capítulos livro a questão dos diversos usos linguísticos é retomada nas atividades propostas pelo livro de Língua Portuguesa, embora exista um capítulo (capítulo 2) que trate especificamente da variação linguística como componente curricular do ensino de Língua Portuguesa. Assim,

constatamos que em diversas partes do livro existem outras atividades de estudos da linguagem por meio da exploração de aspectos com as especificidades do uso da língua ou da variedade linguística de acordo com o gênero, o suporte e o perfil dos interlocutores envolvidos, os sentidos de certas expressões e construções da língua.

Em síntese, o material didático analisado apresenta uma proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva enunciativa-discursiva. Sendo assim, centraliza-se principalmente para um trabalho de leitura, produção de textos e reflexão sobre a língua. O LD está em consonância com os documentos e as orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, para os quais a linguagem é “[...] uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

Para o componente Língua Portuguesa as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reafirmam a proposta de centralizar o texto como unidade de ensino e fundamenta-se em concepções e conceitos já disseminados “[...] as práticas de linguagem, discurso e gêneros discursivos/gêneros textuais presentes em diversas esferas de circulação social (BRASIL, 2018, p. 63).

Quando analisamos as atividades propostas pelo LD, constatamos que em diversas partes do livro há exploração dos usos linguísticos de acordo com o gênero, com o suporte e com o perfil dos interlocutores envolvidos, os sentidos de certas expressões e construções da língua. Assim, a abordagem dos diversos usos linguísticos no LD está fundamentada pela perspectiva textual e enunciativa cujo foco são os diversos textos, para os quais são elaboradas atividades de leitura, de produção e estudo dos diversos usos linguísticos,

Nas atividades de leitura é explorado a compreensão e interpretação, o estudo da linguagem e a leitura expressiva dos textos. Além disso, o trabalho com a leitura é proposto de forma organizada não somente na seção *Estudo de texto*, mas sim em todo o livro didático, tanto na construção dos conceitos quanto no estudo da função semântica-discursiva das categorias gramaticais na elaboração de textos da seção.

Para as atividades de produção de textos, a proposta do LD tem como objetivo explorar os diferentes gêneros textuais, concebidos como ferramentas de linguagem que se inserem socio-historicamente nas práticas de leitura e escrita a serviço da construção dos sujeitos. A diversidade textual é apresentada como no formato espiral, na qual o agrupamento e progressão curricular. Para tanto, nas atividades de produção textual são destacados os

aspectos funcionais e composicionais dos gêneros, bem como os aspectos essenciais da textualidade, como: coerência, coesão, intencionalidade, informatividade, etc.

Com relação à organização curricular do LD, observamos que o tratamento das questões linguísticas estão mais presentes na unidade I da seção – *A Língua em Foco*. Como por exemplo, a discussão das questões relativas às diferentes linguagens (verbal e não verbal), ao código linguístico, à variação linguística, ou seja, aos usos linguísticos, considerando os diversos contextos sócio-comunicativos (textuais, semânticos e discursivos). Por outro lado, nas unidades II, III e IV o foco recai sobre os usos linguísticos formais das classes gramaticais (substantivos, dos adjetivos, dos verbos, dos pronomes, dos numerais) abordados a partir da apresentação de vários textos inseridos em contextos comunicativas diversos.

De acordo com Gomes e Costa (2015) o discurso pedagógico sobre a diversidade e heterogeneidade linguística ainda está distante da realidade de muitas escolas, uma vez que muitos profissionais da educação não refletem sobre a língua de forma apropriada nos cursos de formações de professores. Portanto, não nos passou despercebido em nossa análise a pouca importância dada a heterogeneidade no material didático.

Para Bagno (2007), os docentes não podem desconsiderar a existência do fenômeno da variação linguística, pois, diariamente, nos deparamos com ele em sala de aula. É importante os professores terem ciência que o processo de intervenção faz parte da prática docente do professor de LP, mas não podemos tratar as variações como apenas um desvio da norma padrão. Pelo contrário, é preciso mostrar aos estudantes que eles podem falar de diversas maneiras, de acordo com a ocasião (mais formal e informal). Para tanto, é essencial a construção de uma proposta didática de ensino de Língua Portuguesa que frise o ensino/aprendizagem dos alunos sobre as variações linguísticas, desafiando-os a desenvolver suas competências sociocomunicativas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise livro, *Português – Linguagens* revelou que a proposta de ensino de Língua foca a questão da diversidade linguística, considerando a leitura e o estudo dos mais variados textos, desde a escrita, produção até a análise dos seus aspectos linguísticos. A proposta do livro didático (LD) tem como objetivo trabalhar os diferentes gêneros textuais, concebidos como instrumentos de linguagem que se inserem socio-historicamente nas práticas de leitura e escrita a serviço da construção dos sujeitos.

No que se refere ao tratamento da variação linguística observamos que o livro didático apresenta uma abordagem que pode favorecer as práticas de letramento no Ensino Fundamental com vista ao reconhecimento da variação como um fenômeno natural da língua e motivada por fatores (geográficos, históricos, sociais e situacionais), assim como a identificação dos inúmeros recursos linguísticos gramaticais, textuais, lexicais e discursivos e das estratégias de ensino visam desenvolver as habilidades de uso dos inúmeros recursos linguísticos que sejam adequados às situações comunicativas (formais e informais).

Do ponto de vista curricular, constatamos que a temática da variação linguística poderia ser mais explorada, especialmente com foco nos fatores que proporcionam a mudança linguística, pois o preconceito linguístico existe fortemente fora e dentro da escola e cabe aos professores mostrar aos estudantes que, assim como existem pessoas diferentes, há falas diferentes, pois, a variação linguística não ocorre de maneira desordenada ou aleatória.

O LD ao tratar essas questões linguísticas pode incentivar os professores de Língua Portuguesa a discutirem como os diferentes usos da língua ocorrem nas interações sociais cotidianas e combater os preconceitos e/ou estigmas que podem surgir em decorrência desses usos linguísticos. Por sua vez, pode também levar os alunos a refletirem sobre a necessidade de adequação dos usos linguísticos às mais variadas situações comunicativas vivenciadas, aos participantes da interação e aos propósitos comunicativos.

Por fim, destacamos que os cursos de Pedagogia poderiam incluir essa discussão em seus currículos, de modo a orientar os profissionais que vão trabalhar desde os anos iniciais do Ensino Fundamental com as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, com os processos de alfabetização e letramento. De todo modo, acreditamos que os resultados deste estudo possam contribuir para a reflexão dos profissionais de Educação acerca da compreensão das implicações de uma proposta de ensino de Língua Portuguesa para as práticas de letramento escolar, especialmente nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, A. A.; PEREIRA, M. L. Variação linguística em livro didático do ensino fundamental: propostas e tratamento. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 350-360, janeiro-junho, 2017.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BOCHENEK.S. Variação Linguística e Letramento: uma discussão necessária. **Língua e Letras.** v.15. n; 27. Jul./dez, p.173-188, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CECILIO, S. R.; MATOS, C. M. A. de. **Revisitando o livro didático: a variação lingüística e o ensino de língua.** **Entretextos,** Londrina, n. 6, p. 39-43, jan/dez. 2006.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português - Linguagens.** São Paulo: Editora Saraiva 2014.

COSTA, C. S. S. M.; GOMES, Y. L. S. O Ensino de língua materna e a abordagem da variação/diversidade linguística em sala de aula. *In:* COSTA, C. S. S. M.; LOPES, I. A. GOMES, Y. L. S. **Variação/diversidade linguística e Ensino: as múltiplas faces.** Teresina: EDUFPI, 2015

ERICKSON, F. **Ethnographic description in Sociolinguistics.** Berlin e N. York: Walter de Gruyter, 1988. p.95-108.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Y. L. S. **Crenças e variação linguística: uma abordagem sistêmica na perspectiva da complexidade.** Teresina: EDUFPI, 2015.

\_\_\_\_\_. Ensino de língua e variação linguística: uma análise de Livros Didáticos de Português. *In:* COSTA, C. S. S. M.. **Olhares Sociolinguísticos: Variação e Interação.** 1ed.TERESINA: EDUFPI, 2011.

MARCUSCHI, L. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). *In:* **O livro didático de Português: múltiplos olhares.** 3. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 21-34.

MARINHO, J. H. C.; COSTA, VAL, M. G. **Variação Linguística e ensino.** Belo Horizonte, CEALE, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In:* MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo, SP: Contexto, 2003. p.09-14

OTA, I. A. da S. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil**. Educar, Curitiba, 2009, n. 35, p. 217-220, Editora UFPR, 2009.

TARALLO, F. A relação entre língua e sociedade. In: \_\_\_\_\_. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, L. Letramento e conhecimento linguístico. **Letras & Letras**. v.31, n.3, jul./dez., 2015.